



MÊS ARTISTICO

EXPOSIÇÃO «ALMA NOVA»

A *Alma Nova*, revista que tam galhardamente vai abrindo caminho para longa vida, num meio onde periódicos de toda a casta surgem bastos como tortulhos e desaparecem rápidos como borboletas, tentou uma exposição, que discreta, sem alarde de grandes nomes, teve a merecida curiosidade de umas semanas.

À falta de melhor, ou seduzida pelo rótulo pomposo de S. Carlos, teatro que está sendo o vazadoiro de todas as manifestações indígenas, passando pela chacota dos rapazes ao salsifré das tertúlias, foi abrir num salão, cujas péssimas condições de luz inegavelmente a prejudicaram. Quase todos os artistas, que acudiram ao chamo gracioso e louvável da *Alma Nova*, de nome que só o tempo há-de fixar. Os consagrados abstiveram-se, suspeitosos, talvez, de cair em companhia fácil ou desordenada, *un coin des fauves* no género do parisiense *Salon des indépendants*. E nada mais regular e sensato, ainda que modesta esta exposição. À parte Mily Possoz, que apresentou uns desenhos de adorável audácia, para um público que só há meses, pela paleta de Amadeu Cardoso, travou conhecimento com o velhíssimo futurismo, nenhuma das obras expostas faria estrondo nas pacatas paredes da Sociedade Nacional. A S. Carlos mandaram aqueles artistas, que vão adquirindo braços, como Alves Cardoso, quadros de menos responsabilidade, esboços de hora ociosa. Entre estes um estudo de mulher de Dórdio Gomes, bem traçado, impressivo, mas correcto até o academismo. É possível que esta mulher, vestida das pompas de côr, de que deu mostra Dórdio Gomes no «De volta da azeitona», perca a sua rigidez e frieza, transfundindo-se em vida.

Saavedra Machado, a quem revertem, cremos bem, as honras de organizador do certâmen, trouxe ali os seus retratos duma tam proba fidelidade, e naturezas mortas de deliciosa e sábia execução. Leitão de Barros nos trabalhos que expôs, ofereceu a continuidade esperada ante as suas aguarelas na Sociedade Nacional. Côr, proporção, uma grande delicadeza sem maneirismo, são as suas qualidades de mór relêvo. Artista a criar uma reputação realizando no óleo o que obtêm na aguarela.

Lacerda apresenta uma cabeça de mulher, de excelente factura, Romero

naturezas mortas bem observadas, Marinho e Stuart desenhos curiosos, Navarro da Costa um esboço da sua *Vela Vermelha*, que sobressai do conjunto.

Acrescente-se a estes nomes Mily Possoz, com quadrozinhos de adorável fazer, alguns escultores com obras de somenos, Maximiliano Alves com a redução para *bibelot* da *Calúnia*, que pelo geito pode muito bem ser o *caçador de grilos*, Diogo de Macedo com trabalhos vistos, Xavier estreante, não? e ter-se-há uma pálida luz do que foi a exposição desprezenciosa, mas digna de ver, estudar e aplaudir, da *Alma Nova*.

EXPOSIÇÃO NAVARRO DA COSTA

O Sr. Navarro da Costa, pintor brasileiro de merecimento, foi estadear na Sociedade Nacional, uma sala da qual os seus quadros enchiam. Colocou S. Ex.^a, publicando um catálogo ilustrado com algumas das suas obras e retratos vários seus de artistas vários, dedicatórias singulares à família, ao ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil e aos mestres da arte portuguesa, e com panegíricos em prosa e verso, os críticos (critiquelhos lhes vai chamando um dos seus encomiadores, desde que destõem) em mau passo para falar da sua obra. Com efeito, que se pode dizer a par desta afirmação de Malhõa exarada no catálogo que lápis duns e penas doutros ilustraram: — «Em quatro anos, meu amigo, não haverá canto da Europa em que se não pronuncie o seu nome!» Tocamos no absoluto, e o absoluto não é acessível à tira de papel duma crónica ligeira, mais anotação que filosofia de arte. Malhõa e seus prefaciadores elevaram-no à posição intangível de um Rodin ou Zuloaga, que se não pode abarbar senão à fôrça de tato, estudo, sondagens psicológicas, mesológicas, ideológicas etc., o diabo.

Compreendemos; o Sr. Navarro da Costa organizou a sua exposição americanamente; molduras do melhor que há na terra tam fruste na especialidade, etiquetas em latão amarelo que hoje em dia vale prata, e, até a senha de compra em fino cartão, laminado de oiro. Certo que o ôlho do lapónio se arregalou; certo que não é com vinagre que se apanham môscas, salvo seja no que a comparação poderia visar o lado particular da sua arte. O público que lhe comprou devia querer assim, e não há ninguém que folgue com a prosperidade da arte e de artistas que lhe regateie os emboras. Simplesmente, os introdutores do Sr. Navarro da Costa no palco das celebridades, chapam-nos a mão aberta na bõca. O Sr. Artagão, dum lado, o Sr. Bourbon de Meneses doutro, mais a frase do pai Malhõa, tiram-nos a faculdade de discernimento, dificultando a missão de cronista ligeiro.

Venderam-se quase todos os seus quadros, a avaliar pelas senhas de aquisição, frequentou a exposição o melhor público de Lisboa, se gazetas conspícuas não mentem, aí está pois já uma crítica flagrante à sua obra. Para elucidação dos efésios, que um artista célebre, em trabalhos de menor envergadura é certo, habituou por várias vezes no salão do Teatro Nacional aos preços das meias-solas nos sapatos, acrescentemos que os valores nos quadros do Sr. Navarro da Costa partiam de 3.500.000 rs. e de 100.000 rs. não baixavam. O termo médio, na maioria, oscilava entre 300 e 700.000 rs. Estas cifras são um útil incitamento aos artistas portugueses. Talvez que Columbano, expondo, não deitasse a somas tam elevadas. Pois fica sabendo; há dinheiro para arte, quando é boa, já se vê, e contanto que sejam laminados a